

EXCLUSIVO POLÍTICA CIENTÍFICA

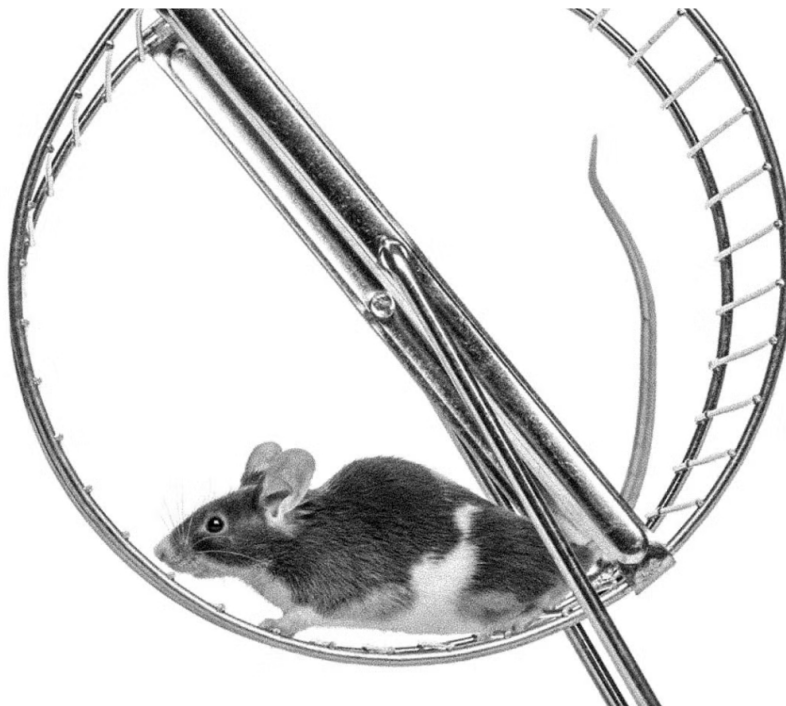
Carreira académica tornou-se um “jogo” de precariedade em vários países

Investigação portuguesa identifica que a insegurança laboral e a “cultura de performance” se tornaram a regra para professores e cientistas. E este não é um problema apenas português.

Tiago Ramalho

25 de Março de 2024, 7:03

Oferecer artigo



A investigadora Taisa Oliveira refere que os académicos são hoje “ratos na roda da precariedade” GLOBALP/ISTOCK

Ouçá este artigo 00:00 05:13

Os contratos a prazo, o aumento da carga de trabalho e a obrigação de publicar mais artigos científicos todos os anos são marcas do discurso sobre a precariedade e a ciência em Portugal há décadas. No entanto, a precariedade tornou-se a norma para os académicos e esse não é um problema exclusivamente português, defende uma investigação portuguesa sobre o desenvolvimento das carreiras académicas. A tendência das últimas décadas tornou o percurso de professores e cientistas mais vulnerável, imprevisível e também mais individualizado - e estes são aspectos transversais a duas dezenas de países.

“Só sobrevivo na carreira académica se atrair recursos, conseguir financiamento e publicar em determinadas revistas”, exemplifica Taisa Oliveira, aluna de doutoramento na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto que liderou um trabalho de análise de 54 artigos publicados sobre este tema e referentes a 21 países. “Esta mercantilização e precariedade reflectem-se demasiado na investigação em detrimento de outros factores, como a docência”, acrescenta, referindo-se à predominância das métricas de publicação científica na avaliação ou nos concursos para as carreiras docentes.

A investigação agora publicada na revista *Review of Educational Research* centra-se sobretudo em países europeus ou anglo-saxónicos, onde foram encontrados mais artigos sobre as carreiras académicas. No entanto, permitiu fazer um mapeamento do que significa actualmente este percurso em todos os continentes - inclui também Austrália e Nova Zelândia (Oceânia), África do Sul (África) ou Índia (Ásia).



EXCLUSIVO EMPREGO CIENTÍFICO

Apenas 7.5% dos novos contratos para a ciência desde 2017 não são precários

A esmagadora maioria dos investigadores que entrou recentemente no sistema científico tem uma situação precária - são quase nove mil cientistas. Organ...

LER MAIS

“A mercantilização das carreiras académicas traduz-se em maior instabilidade, com mais contratos a part-time, precários e sem possibilidade de prever o futuro”, conclui Taisa Oliveira, cujo trabalho é orientado por António Magalhães e Cosmin Nada, investigadores e docentes na faculdade portuguesa. “Além disso, há uma modificação mais alargada das condições de trabalho, muitas vezes discutida como a ‘uberização’ do trabalho. Ou seja, esta ideia de que a flexibilidade, de não ter vínculo a um emprego, garante possibilidades de diversificar o financiamento.”

MAIS POPULARES

EXCLUSIVO ENTREVISTA
Ministro da Agricultura quer “travao” nos apotos à plantação de vinhas

AMBIENTE
A “bomba ambiental no coração da Galiza” que Portugal não quer

EXCLUSIVO ISRAEL
Uma equipa de adversários rancorosos está a tomar as decisões mais cruciais em Israel

RELAXAR >

EXCLUSIVO
Dias da Dança: uma Zona Franca bagunçada, um Brasil que “renasce das cinzas”

Segunda na TV: Nolly, muito trabalho e vampsros entrevistados

EXCLUSIVO
A Invenção da pintura em Cabo Verde fez-se com o fim do colonialismo



Impacto “neoliberal” e RJIES

Um dos motivos identificados por Taísa Oliveira é a incorporação do neoliberalismo nas políticas públicas, alterando o papel do Estado nas próprias instituições. “Nas universidades, se o Estado não é a principal garantia de financiamento, essas instituições vão começar a ter outras formas de financiamento, que vai ser diversificado através de agências, de uma aproximação à indústria e de uma lógica de mercado privado que não era tão comum”, sublinha.

O exemplo mais concreto em Portugal é o Regime Jurídico das Instituições do Ensino Superior (RJIES), cuja revisão estava em curso antes da demissão do Governo de António Costa, em Novembro do ano passado. O RJIES entrou em vigor há quase duas décadas e permitiu, por exemplo, a criação do modelo de **universidades-fundação**, que dá maior responsabilidade às instituições para garantir receitas, oferecendo também maior flexibilidade na gestão de património (podem comprar ou alienar sem autorização do Governo) e na contratação de pessoal.

Em Portugal, este modelo chegou já neste século, bem depois da sua integração nos países anglo-saxónicos, como o Reino Unido ou os Estados Unidos - com Margaret Thatcher e Ronald Reagan, respectivamente. Esta experiência mais prolongada também dita, em certa medida, a maior presença de trabalhos destes países.



UNIVERSIDADES

Universidades-fundação: um modelo que ficou incompleto e continua a causar polémica

O envelope financeiro prometido às instituições nunca chegou. Contratação ao abrigo do direito privado continua a ser motivo de disputa com sindicatos.

LER MAIS

Esta “viragem política” alterou também os próprios mecanismos de avaliação, criando o tal “jogo”, como é referido pelos cientistas em vários dos artigos analisados pela investigadora brasileira. A carreira académica é um jogo com regras muito específicas, no qual quanto mais cedo se conhecer as regras, melhores serão as probabilidades de avançar no jogo - e subir na carreira. “O que se aprende, desde o doutoramento ou mesmo da licenciatura, é que garantir uma vaga na academia dependerá da publicação em revistas A, B e C”, diz Taísa Oliveira.

Os argumentos da investigadora são fundamentados nas conclusões de outros 54 trabalhos publicados sobre este tema e nos quais as revistas com **elevado factor de impacto** - ou seja, que têm muitas citações em média - são frequentemente mencionadas. A este ponto, Taísa Oliveira acrescenta as novas formas de avaliação dos trabalhadores, como os “financiamentos que conseguem obter” ou “o número de artigos publicados”, numa valorização das métricas quantitativas.

“O que é que se valoriza nos concursos para docentes? São exactamente estas métricas de financiamento atribuído ao longo da carreira, e principalmente nos últimos cinco anos, ou de publicações com elevado impacto. Sobre a docência, por vezes, nem uma palavra”, nota Cosmin Nada. A sobrecarga lectiva torna este “jogo com regras específicas” muito delicado, salienta o investigador, já que é preciso “saber como jogar, sob pena de não conseguir dar continuidade à carreira”.

É, portanto, necessário manter os níveis de publicação e a aquisição de financiamento para os projectos, sem descuidar todas as outras funções enquanto cientistas ou professores. Por exemplo, as publicações de livros são consideradas “suicídio de carreira” porque é preferível publicar vários artigos científicos separados, diz Cosmin Nada. A única vantagem é dada às grandes **editoras científicas**, como a Springer ou a SAGE, cujas taxas de publicação acabam por ditar lucros de dezenas de milhões de euros.

“Se antes os académicos eram as pessoas na torre de marfim, hoje vemo-los como ratos na roda da precariedade, presos neste jogo injusto e com regras peculiares”, sentencia Taísa Oliveira.

tiago.ramalho@publico.pt

Sugerir correcção

TÓPICOS

Ciência Política científica Ensino Superior Universidades Trabalho

Torne-se perto

Investigação científica Portugal

LER 14 comentários

LER MAIS



RJIES: centralismo e democracia nas universidades - Opinião de Rui Estanque



INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Há artigos científicos que são belos adormecidos e um dia acordam

Pagar para publicar: ciência em Portugal cada vez mais refém de revistas predadoras

Os leitores são a força e a vida do jornal

Obrigado pelo seu apoio

O contributo do PÚBLICO para a vida democrática e cívica do país reside na força da relação com os seus leitores. Quanto maior for o apoio dos leitores, maior será a nossa legitimidade e a relevância do nosso jornalismo. Apoiar o PÚBLICO é também um acto cívico, um sinal de empenho na defesa de uma sociedade aberta, baseada na lei e na razão em favor de todos ou, por outras palavras, na recusa do populismo e da manipulação para privilégio de alguns.

Obrigado por ser nosso assinante. Convidamo-lo a conhecer melhor o Público exclusivo e as vantagens que tem por pertencer à comunidade.

Saiba mais

SUBSCREVA A NOSSA NEWSLETTER DESPERTADOR

DE SEGUNDA A SEXTA

Todas as manhãs, a newsletter fundamental para estar informado.

Subscrever

Tomei conhecimento que as newsletter editoriais poderão conter publicidade. OBRIGATORIO

EM DESTAQUE



EXCLUSIVO ENTREVISTA

Governo quer "travão" nos apoios à plantação de vinhas

Teresa Silveira e Paulo Pimenta



EXCLUSIVO LICENÇA PARENTAL

Subsídio parental aumenta rendimento das famílias mas favorece salários mais altos

Raquel Martins



EMPRESAS

Petróleo: acções da Galp dispararam 20% após "importante descoberta" na Namíbia

Rosa Soares

14



Ver mais

OPINIÃO



Mais do que diferente, melhor
David Pontes



O que aprendemos sobre a economia portuguesa em 50 anos de democracia
Ricardo Paes Mamede



As universidades novas
Eduardo Marçal Grilo



O Livre livrou-se de boa e elegeu Francisco Paupério
Carmo Afonso